Moinho, Alto Paraíso/GO: extensionistas integrando as comunidades

Comunicação

GTE 01: Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem musical

Bárbara R. de Oliveira
UnB
barbara-rodrigues.br@aluno.unb.br

Carlos E. Ramalho de Freitas
UnB
carlosramalhofreitas@yahoo.com.br

Thiago P. Viana
UnB
thiago.viana@aluno.unb.br

Uliana D. C. Ferlim
UnB
uliana@unb.br

Vinícius de O. T. Cardoso
UnB
vinicius.otcardoso@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência visa a dar visibilidade às ações integradas entre a comunidade da UnB e a comunidade quilombola do Povoado do Moinho, tendo as perspectivas dos estudantes extensionistas e das pessoas envolvidas. A partir de ações apoiadas pelos projetos de extensão universitária, cria-se uma rede de interação que pode transformar algumas ideias sobre música, saúde, educação e a força da música e do musicar, considerando as responsabilidades éticas sobre essas propostas de interação e princípios de decolonização. Alguns retornos sobre a avaliação das ações apontam positivamente sobre essas possibilidades de transformação de ideias e valores e apontam para necessidade de pesquisas.

Palavras-chave: extensão universitária, decolonização, musicar

Introdução

A Agência das Nações Unidas, em sua Agenda 2030 para um desenvolvimento sustentável, indica o objetivo de número 4 (ODS4): Educação de qualidade. **Assegurar a**

educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.[1] Quando propomos nossos projetos de extensão para a universidade, somos convidados a definir nossos objetivos aliados aos desta Agenda. Por meio das relações estabelecidas com a comunidade quilombola do Povoado do Moinho em Alto Paraíso/GO nos anos de 2025 e 2026 (extensão universitária, projetos da Rede de Polos de Extensão da UnB, projeto do Departamento de Música "Rap e repente"), pudemos identificar algumas questões culturais envolvendo a música, as possibilidades de aprendizagem, e as pessoas ali atuantes. A comunidade é permeada por diversos grupos sociais. A música perpassa as atividades culturais locais e tem papel ativo na interação social local. A Associação Quilombola do Povoado do Moinho (AQPM) promove diversas atividades culturais, dentre elas, a música tem significativa presença em formatos variados. Há uma diversidade, por vezes tensa, entre os diversos grupos sociais e sua busca por espaços e existência. A música, ao mesmo tempo que agrega, pode promover tensionamentos e afastamentos. Investigar como se dá a coexistência das diversas expressões musicais, que perpassam as práticas dos mais antigos, as memórias que constituem essa comunidade, assim como as práticas mais contemporâneas que fazem uso da música em seu significado mais agregador, é um dado de nossa observação participante nesse tempo de interação que presenciamos e objetivo de nossas próximas ações extensionistas e de pesquisa. A música envolve processos de conhecimento, autoconhecimento e reconhecimento. Qual o papel da educação musical?

Referenciais teóricos e perspectivas de compreensão

Ao escrever seu último livro publicado, *Musicking: The Meanings of Performing and Listening* (1998), Christopher Small lança o conceito do "musicar" (*musicking*) e estabelece novas perspectivas para o entendimento da natureza e função da música. Ao preferir o verbo "musicar" em vez do substantivo "música", ele procura chamar a atenção para todas as ações e relações que envolvem o fazer musical. "Musicar" é, essencialmente, uma ação social. Todas as pessoas que fazem parte dessa ação são fundamentais para a constituição desse fazer. Entendemos que esta é uma forma de compreender a organização social por meio da música, revelando a força potencial da música para as interações humanas, e portanto, para o

[1] Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4. Acesso em 14 jul. 2026.

conhecimento humano. Isso nos coloca como profissionais ética e politicamente comprometidos com ações no território, o que está no horizonte de nossas ações realizadas até o momento e que serão abaixo melhor descritas. Essas ações nos inspiram a procurar aprofundar o olhar sobre esse território, e sobre a presença da música neste território, incluindo as questões sobre a aprendizagem.

Pensar/investigar sob as lentes do musicar, pode ajudar-nos a desvelar a dinâmica das construções comunitárias, ao mesmo tempo, a importância que a comunidade local confere (ou pode conferir) às ações musicais. As pessoas investem a música de significado. A música é um meio potente de criar e recriar significados.

Seguindo a trilha do musicar, Tia DeNora (2000) sugere um olhar para “a força da música”. A autora aborda os aspectos de relação entre o consciente e o quase-consciente, inconsciente ou o subconsciente na agência humana. É importante um olhar alargado para o que DeNora entende como "ação ou agência humana": "Pelo termo ‘agência’ aqui, eu quero dizer sentimento, percepção, cognição e consciência, identidade, energia, situação percebida e cena, conduta incorporada e comportamento" (DeNora, 2000, p. 20). Em seu livro *Music in Everyday Life*, a autora se dedica a realizar etnografias da vida cotidiana para demonstrar como a música participa na vida das pessoas comuns, auxiliando na construção de valores e, mais profundamente, como guias ou caminhos para a conduta ou comportamento humanos em variadas dimensões. Neste sentido, a música pode ser considerada um instrumento de conhecimento e autoconhecimento. Neste território, por exemplo, há engajamentos de pessoas em processos educativos que consideram esses “poderes” da música, de forma consciente e/ou semiconsciente.

A partir desses referenciais, busca-se a um só tempo, considerar os sujeitos e suas relações dinâmicas e complexas com a música, e investigar localmente, como o musicar está presente nesta comunidade (musicares) e como este referencial pode nos subsidiar, em retorno, para mais ações musicais que corroborem com as dinâmicas sociais mais positivamente construtivas, auxiliando a reorganizar nossas práticas extensionistas por meio da música, em respeito à história, à memória, e às expressões contemporâneas. Tendo em vista que nossa presença no território implica diálogos e transformações, expectativas e aprendizados, para todos os atores, buscamos levantar questões que podem ser importantes

para quaisquer projetos musicais na medida em que consideram uma concepção sobre a força da música nas relações humanas e uma postura ética e consciente e que possa contribuir para a valorização de saberes da comunidade em diálogo com a formação de estudantes, os protagonistas de seus próprios processos de aprendizagem.

Breve histórico e apontamentos para futuras ações

O projeto de extensão da REPE "Rap e repente: canto verso e prosa"[2] surgiu como uma oportunidade de comunicar as ideias e o musicar de um outro projeto desenvolvido na UnB anteriormente. O grupo Corpos Cantantes gera espaços para a participação musical da comunidade que acessa a UnB, no Campus Darcy Ribeiro (Plano Piloto de Brasília), que compreende público em geral e estudantes. Com um musicar em torno do canto e percussão corporal, movimento e criação (e que envolve participação e reflexão) realizamos, desde 2024, as primeiras aproximações e experiências ao estender nossa participação para Alto Paraíso. Houve interação com o público de estudantes e moradores em Alto Paraíso no Fórum Local, organizado pelo programa de extensão da rede REPE, e a organização das ações por bolsistas alunos do curso presencial e a distância da Licenciatura em Música UnB (Programa UAB – Universidade Aberta do Brasil). Essas primeiras vivências constituíram um ponto de ligação entre praticantes de música no Campus Darcy com os moradores da comunidade do Moinho e alguns estudantes da universidade. Fundamentalmente pensamos que temos valorizado a visibilidade da comunidade do Moinho para a comunidade que frequenta a universidade (extensionistas, estudantes, professores, técnicos, público em geral são participantes das ações desenvolvidas).

Em nosso processo de integração extensionista, os estudantes foram instigados a refletirem teoricamente sobre os conceitos de "musicar" (Small, 1998) e "a força da música" (DeNora, 2000), que congregam uma visão do musicar como impulsionador de ações socialmente organizadas (tanto subjetiva, quanto objetivamente). Isso nos ajuda a nos conscientizarmos mais profundamente sobre as ações projetadas, realizadas e a avaliação

[2] REPE significa Rede de Polos de Extensão e congrega 7 localidades distintas em Brasília e também na região de Goiás. O Polo Chapada dos Veadeiros, localizado em Alto Paraíso/GO, abriga, hoje em dia, 12 projetos de extensão de diversas áreas da universidade.

delas, sendo a música uma força que perpassa, muito profundamente, e de forma ainda pouco conhecida/estudada, essas pessoas e ações.

Formulamos, com a participação dos alunos, o novo projeto, em 2025, o "Canto da Comunidade com Sons do Cerrado", que se propôs, ao lado da reflexão, a realização de oficinas e encontros musicais que valorizassem a diversidade sonora e cultural presente na região de Alto Paraíso e seus arredores. Com uma duração inicial de 6 meses, o projeto se baseou na escuta ativa da comunidade do Moinho, buscando identificar e incorporar os gêneros musicais, instrumentos e formas de expressão artística dos moradores locais. Assim o extensionista Thiago (estudante EaD da Licenciatura em Música e morador do Moinho) foi redesenhando nossos objetivos, auxiliando a organizar nossas ações na comunidade, na perspectiva de também integrar-se às práticas musicais como estudante e extensionista, abrindo espaço e dialogando com as pessoas. Com isso, conseguimos produzir visitas, entrevistas e também organizamos um Sarau que contou com a participação da comunidade.

Em outubro de 2025, aconteceu uma visita e entrevista com os nossos interlocutores principais no Moinho. Moradores locais, dona Joana e seu Moacir, o Baiano, foram contactados pelos extensionistas Thiago e Caroline. Esta visita contou com uma interação musical que foi bastante fluida (que incluiu outros membros da família: os filhos, Magdaly e Muriel, cantando, tocando e rememorando músicas) e propiciou um início de aprofundamento e condições para continuarmos conhecendo a comunidade. Destacamos, além da interação com dona Joana e Baiano, breves conversas e registros com moradores locais, com as alunas da escola fundamental, Radassa e Luana, e moradores mais antigos que se relacionam com os fazeres das medicinas do cerrado, Wilson, filho de Dona Flor, a parteira e grande referência na comunidade, e dona Cici, que possui uma venda de produtos e alimentos para os turistas.

Dona Joana, Baiano e dona Cici ofereceram informações sobre as tradições antigas: rezas, folias (de Reis e a Folia "Solena") e festas animadas por músicos conhecidos do local, e também, a relação do pai de dona Joana com os eventos:

> Mas, gente, era bom demais, porque eu falava assim: "Tem festa de reis lá no Moinho", vinha gente de todos os lugares. (...) Era muito bom, gente. Seriamente, era muita festa. Meus pais faziam festa (...) E tinha folia também, meu pai. (...) Folia Solena. (...) E: O que é Folia Solena? J: Só três foliões. Três

> homens saíam nas casas. Três dias. Só uma folia? Era folia do meu pai, que meu pai soltava. O pai era o dono da folia. (Dona Joana, entrevista, 04/10/2025).

Sobre outras festas:

> Tinha o intrude aqui desse aí. (...) Desse que eu tô falando da matraca. A gente ia pra Beira do Rio. É... não chovia. Nós ia... (...) Nós ia com a vasilha. Ou com a mão mesmo. Jogava água no... na parede do rio. E chovia. Fazia chover. (...) Nós tinha os cânticos. (Dona Joana, entrevista, 04/10/2025)

Dona Cici também contou das rezas e cantos de antigamente, e anotamos em nossos registros de campo:

> (...) dona Cici disse que lembra das festas do povoado, do tempo que iam no rio, no período de final de seca, pedir para chover. Contou que todos iam com garrafas limpas, enxiam com a água do rio, "sem borbulhar senão a chuva que viria seria muito forte", e que subiam rezando/cantando com a imagem do santo, e chegavam na igreja e despejavam em cima dos túmulos do cemitério. "Dali três dias, chovia". Contou sobre música que tinha viola e sanfona. E que gostava muito das festas. (Notas do campo, Uliana, 04/10/2025)

Como contraponto aos nossos interlocutores principais, as meninas que encontramos na praça, na entrada da comunidade, em conversa registrada no caderno de campo, dão outra dimensão de seus hábitos, gostos e preferências musicais. Elas estavam na praça mexendo em seus dispositivos eletrônicos quando se deu esta cena:

> Uliana se identificou (a si e ao Carlos) como professores de música e tentou adivinhar o gosto musical delas. O Carlos se adiantou e disse "Taylor Swift" e Uliana: "Kate Perry". Elas negaram. Mas afirmaram que gostavam da Lady Gaga. Ao que Uliana comentou que tinha gostado muito do show que assistira recentemente na TV (na praia de Copacabana). Radassa afirmou o gosto em Lady Gaga e Luana, a mais nova, falava baixo, mas concordava com a cabeça. (...) Radassa falou que gostava de Raimundos, Legião e Charlie Brown. E também de reggae. Luana afirmou que gostava mais de reggae do que de rap. Perguntamos onde estudavam e se tinham aulas de música na escola. Luana, disse que não tinha na escola do Moinho, 5º. Ano. Radassa, 13 anos, estuda no CEPI (...) e disse que só tinha aula de Artes, e que se concentravam em aprender sobre a vida dos artistas visuais e suas obras. (Notas do campo, Uliana, 04/10/2025)

Nas vivências no Moinho também conhecemos a produção do MC Marinho, rapper que apresenta sua identidade artística e musical com reverências aos antigos moradores e

suas tradições e as une à linguagem contemporânea do rap. Marinho produziu vários clipes apresentando-se fortemente vinculado ao território e faz do rap a sua expressão de sentido de constituição e manutenção desta comunidade informada pelas tradições afrobrasileiras e indígenas. A parteira Dona Flor, avó de Marinho, é apresentada como uma forte referência aos saberes afrobrasileiros e indígenas que constituíram e que são louvados nas músicas do MC. A mãe de Marinho, dona Deija, filha de Dona Flor, canta, ao final do clipe ("O Moinho é meu mundo"), versos sobre "Senhora Sant'Ana", indicando também a tradição católica de outrora.

Um outro ponto que observamos nesta interação mais próxima com os moradores do Moinho foi a questão da presença da igreja evangélica e uma certa tensão entre a mudança dos costumes e a própria socialização dos habitantes da comunidade: o esquecimento das festas/tradições. Dona Joana apressa-se em dizer: "Eu gosto de ouvir... as músicas evangélicas, né? E também, eu ouço também as outras músicas, né? Não sou contra, não. Eu gosto das outras músicas, mas eu sou mais da música evangélica. (Dona Joana, entrevista, 04/10/2025). E dona Cici: "Dona Cici diz que é evangélica. Ao ser perguntada sobre a mudança, ela disse que o importante é que eles "lêem a bíblia", que "tem muita igreja que é comércio", e disse que "nunca deixei os meus santos". (Notas do campo, Uliana, 04/10/2025).

Como um complexo de relações sociais que vai se desvelando à medida em que estabelecemos mais contatos com a comunidade, vale destacar ainda a presença de movimentos espiritualistas que tem a música como importante elemento em seus rituais. A comunidade de Alto Paraíso é famosa por atrair público interessado em conhecimento espiritual. Ao presenciar uma preparação para um desses eventos, em um terreno quase na frente da casa de Dona Joana e Baiano, foi impossível deixar de notar as músicas que tocavam na caixa de som enquanto as pessoas conversavam, preparavam alimentos, faziam malabares, logo antes de um ritual que duraria a virada da noite. Uliana e o estudante Carlos conversaram com algumas pessoas ali participantes, e souberam, naquele momento, que o pai de Thiago era o organizador do evento.

Esses relatos dão a dimensão da complexidade das relações das pessoas com a música e também com essa comunidade que, podemos dizer muito brevemente, se compõe por diversas pessoas: algumas têm maior vínculo local, descendentes de pessoas escravizadas e

que mantiveram seu sustento cultivando relações de subsistência entre si, com a terra e os recursos naturais do cerrado; outros núcleos sociais se estabelecem pelas trajetórias de pessoas que lá buscam outros sentidos e relações para suas vidas.

E o papel da educação e dos educadores musicais, qual será? Esperamos continuar com os princípios da inclusão e do reconhecimento e importância das manifestações culturais e contribuir para mais espaços de fazer e refletir sobre e com a música (DeNORA, 2000), visto esse poder agenciador bastante presente da música nesta comunidade. O rap aparece como uma força de expressão que exige o reconhecimento da resistência dos saberes dos povos originários. O artista rapper se vincula ao território e tem por meio de sua arte o desenvolvimento musical e expressivo de si e a expectativa de representar essa história pouco contada e invisibilizada pela estrutura de nossa sociedade desigual e racista. A música serve aos eventos religiosos, e à própria instituição evangélica (que sustenta ali muitas práticas musicais), serve também às festas (hoje em dia frequentemente organizadas pela AQPM), e está presente de outras variadas formas na vida dos mais jovens: os dispositivos eletrônicos, as redes, o imaginário e alguns projetos sociais na cidade de Alto. As escolas (da comunidade e da cidade de Alto Paraíso) não têm professores de música, mas a comunidade tem sujeitos que mobilizam sua força e são reconhecidos socialmente. Em que medida os musicares atuam ou podem atuar como fonte de conhecimento e autoconhecimento? Se a Educação Musical não puder lidar com essas dimensões, nos perguntamos a quais dimensões estará servindo. Em tempos de expansão da IA, cabe a reflexão sobre esses processos de conhecimento orgânico ainda por desvelar e qual o uso adequado que pode emergir desta tecnologia. A conferir.

Evento na UnB com MC Marinho

Em 2026, planejamos a participação de MC Marinho na UnB. Inicialmente seria uma apresentação de seu novo clipe e um pequeno show. O evento evoluiu agregando o Polo Chapada para uma programação mais completa, com outros atores da comunidade, da universidade e de Brasília:

Dia 13/05/2026: MC Marinho participou da Batalha da Escada (batalha de rimas da UnB) como forma de divulgação do pocket show no Departamento de Música.

Dia 14/05/2026: O rapper concedeu entrevista à Rádio Nacional de Brasília, anunciando três eventos na UnB, o qual denominamos: Polo Chapada Integra.

Dia 15/05/2026, realização de três eventos:

· Apresentação musical de MC Marinho no Restaurante Universitário da UnB durante o almoço;

· Oficina de raízes ministrada por dona Deija, mãe de MC Marinho e moradora da comunidade quilombola do Moinho, durante a tarde, no CET, Centro de Excelência em Turismo;

· Exibição dos clipes, roda de conversa e show de MC Marinho no auditório do departamento de Música, à noite.

O grupo de prática musical Corpos Cantantes, e a cantora Saraní, ex-aluna e atual professora do departamento de Música (MUS), realizaram a abertura do evento com a música "Banho de Folhas", de Luedji Luna e Emillie Lapa, integrando estudantes e colegas do departamento em uma performance colaborativa para receber os artistas e comunidade do Moinho. O extensionista Carlos destaca que a participação de MC Marinho e o retorno da comunidade do Moinho foram extremamente significativos, trazendo para a universidade um pouco da cultura, saberes e resistência quilombola, com dona Deija compartilhando conhecimentos sobre as plantas e Marinho lançando seu clipe. Este show representou um marco: pela primeira vez, uma apresentação exclusivamente de rap ocorreu no auditório do Departamento de Música da UnB.

Com relação à forma como o evento foi organizado, a extensionista Bárbara (MC e estudante de Relações Internacionais na UnB) destaca que a concepção do evento foi

construída de forma coletiva, buscando reconfigurar a dinâmica tradicional das ações extensionistas. Inicialmente, priorizou-se a inserção da equipe no território quilombola do Moinho, com o objetivo de conhecer e compreender de maneira mais aprofundada as manifestações musicais que atravessam a comunidade e seus sujeitos. A partir desse intercâmbio de saberes, buscou-se inverter a lógica frequentemente presente em práticas extensionistas marcadas por relações unilaterais. Procurou-se evitar uma postura de caráter extrativista, na qual conhecimentos e experiências são apropriados sem a construção de vínculos duradouros. Nesse sentido, a atuação ocorreu em parceria com os artistas e moradores do território quilombola, estabelecendo as mediações necessárias para trazer à UnB importantes representantes da comunidade, como MC Marinho, as raizeiras Dona Deija e Nalu, a produtora Ana Flora, o DJ Nébula, e o percussionista Apoena. No período compreendido entre a produção e a realização das atividades, ocorreram intensos processos de diálogo e articulação voltados à validação das propostas iniciais e à incorporação de novas ideias. Nesse momento, foram definidos aspectos como datas, locais mais adequados para as atividades e estratégias para ampliar o alcance das ações junto ao público. A participação dos estudantes do Programa de Educação Tutorial, o PET MUS, coordenados pelo prof. Hugo Ribeiro, foram fundamentais para os eventos do almoço e o show noturno. Os retornos obtidos presencialmente foram bastante positivos. Entre eles, destaca-se o depoimento de Dora Revolusie, graduanda em Artes Cênicas, que ressaltou a importância da ocupação dos espaços universitários por manifestações culturais periféricas e destacou a relevância da iniciativa para a comunidade hip-hop da qual faz parte. Os resultados da pesquisa de avaliação (seguem alguns dados mais abaixo) também apresentaram índices satisfatórios, evidenciando a receptividade e a satisfação do público em relação às atividades desenvolvidas.

Da perspectiva de MC Marinho, destacamos seu depoimento:

> Pra mim também foi uma experiência ímpar, ter um público com a atenção totalmente voltada pros versos não é fácil, normalmente muito do que se é narrado nas letras passa despercebido pelas distrações e nesse formato, mais intimista, isso praticamente não ocorre, foi um desafio pra mim até pra manter a concentração, agradeço por participar e somar. (Notas sobre Avaliação do evento, maio 2026)

Como pontos negativos destacamos a fragmentação das atividades universitárias, o que faz com que os estudantes extensionistas possam dispender, ainda, pouco tempo para a extensão; apesar da recente valorização e integralização das atividades no currículo, o tempo das atividades das aulas e outros trabalhos acadêmicos compete com as atividades extensionistas, ainda mais no território, distante, em que nem sempre dispomos de recursos ideais para a consecução das atividades. E por termos privilegiado as ações em um único dia, destacamos o cansaço das equipes e artistas: equipes de sonorização, de preparação e decoração do palco, de atuação na abertura musical, de apoio para as inscrições e realização da oficina, de coleta dos dados dos questionários avaliativos. Acreditamos que esse fato também tenha impactado na roda de conversa que ficou restrita a poucos indivíduos no final do show.

Seguem alguns dados dos questionários de avaliação do evento, distribuídos durante as ações por meio de QRCodes e também em material impresso: 57% dos 25 respondentes voluntários disseram que não conheciam a comunidade do Moinho. 89% disseram que os eventos promoveram transformação de suas ideias anteriores sobre as temáticas apresentadas. Dentre os depoimentos textuais, destacamos:

> Ideia de descolonização do pensamento sobre nossa interação com a ideia de saúde. (avaliação 1)
>
> O evento trouxe a novidade da interação da musicalidade do hip hop com a cultura tradicional da comunidade quilombola do Moinho. E o quanto é evidente a força com que dá voz à defesa dos direitos humanos. (...) Cultura tradicional se reinventando para permanecer e ser respeitada. (avaliação 2)
>
> Além de poder aprender a sabedoria feminina das raízes, me transformou poder assistir a um show de rap na academia – descolonização! (avaliação 3) (Notas sobre Avaliação do evento, maio de 2026)

Abaixo, em formato de nuvem de palavras, as referências textuais dos respondentes que indicam alguma forma de transformação das ideias anteriores sobre o assunto:

Figura 1: Nuvem de palavra



Fonte: os autores (Notas sobre Avaliação do Evento, maio de 2026)

O extensionista Thiago rememora alguns entraves em nossas ações anteriores em contraste com nossos ideais de atuação, mais integrados às pessoas da comunidade. Na expectativa de atuar com maior vinculação ao território, ele destaca que é urgente quebrar fronteiras rígidas entre a universidade e a comunidade, fazendo-se necessária a ocupação dos espaços do Polo de Extensão UnB Cerrado e do Polo UAB de Alto Paraíso de forma continuada. Esses polos, administrados respectivamente pela UnB e o poder municipal, possuem estruturas boas e razoáveis para a realização de ações voltadas à comunidade, mas nem sempre conseguimos um diálogo fluido com os participantes locais. Nesse processo de interação, cabe ao nosso projeto construir ações musicais engajadas às necessidades da comunidade, e também de forma crítica e criativa, buscando compreender e atuar sobre os principais entraves para o diálogo e reconhecimento dos saberes envolvidos. A cada edição procuramos compreender e reconstruir mais e melhores relações.

Os projetos de extensão do Polo Chapada dos Veadeiros têm tido um envolvimento crescente com a comunidade do Moinho e adjacências. A produção de materiais audiovisuais, assim como pesquisa e extensão, compreendem a importância do diálogo com a comunidade. Acreditamos que estar presentes e imbuídos de um processo de valorização dos saberes e dinâmicas desta comunidade envolvem o diálogo amplo, com a universidade e as dimensões éticas na formação humana, de todos os envolvidos, estudantes, extensionistas, professores, colaboradores e comunidade em geral, considerando os diversos interesses das pessoas e a construção de direitos sobre o bem-comum, incluindo os saberes musicais e o como eles podem auxiliar em processos de conhecimento, autoconhecimento e reconhecimento.

Referências

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Objetivo 4: Educação de qualidade. In: *Agenda 2030 no Brasil*. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4 Acesso em 15 set. 2026.

DeNORA, T. *Music in Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SMALL, Christopher. *Musicking*: The Meanings of Performing and Listening. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1998.